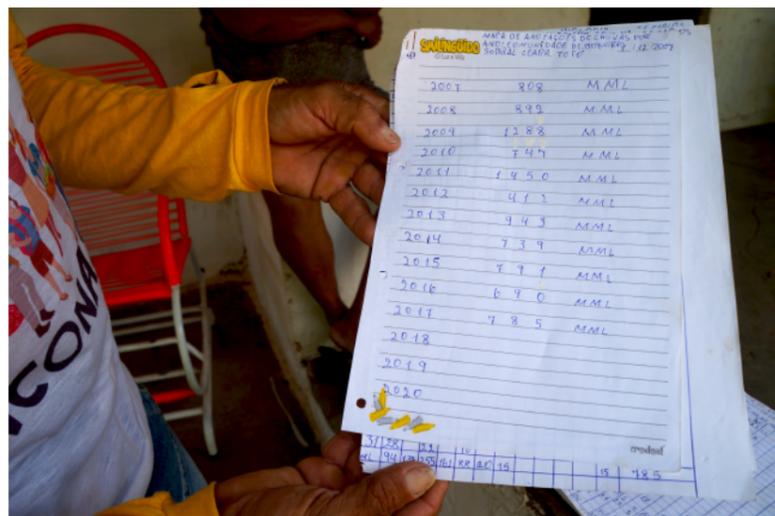


(Embrapa) iniciou no ano passado (2017) um estudo com agricultores e agricultoras para saber como essas sementes se adaptam ao clima e às condições do solo de suas regiões. Zé está fazendo parte da pesquisa com a plantação do milho doce e do feijão-de-corda azul no seu roçado de sequeiro. Os dois tipos de grãos ele vem cultivando desde 1978. Guarda bem a data porque foi o ano em que se casou com Lúcia. Depois de alguns testes de transgenia, Zé pôde ficar orgulhoso com o resultado. Seu milho é 100% agroecológico!

Mas não só da agricultura se faz agroecologia. Alguns ensinamentos demoram mais tempo para serem apreendidos e vivenciados. É o caso da construção de relações igualitárias entre os casais, desde o respeito e o companheirismo à prática da divisão dos afazeres domésticos. A memória de um outro morador, Raimundo Severo, faz Zé Carlos lembrar bem d'ele dizer: "Não queria ser mulher nem um minuto, porque começa de manhã e dá dez da noite ainda não tem terminado. E quatro horas da manhã já tá de pé de novo". "É assim mesmo", Lúcia quebra o silêncio. "Esse ano eu não capinei, não. Mande ele ir ir só", diz sobre o Zé e ele pronto se compara a outros homens mostrando que vem reconhecendo o trabalho duro da companheira e aprendendo a fazer diferente. "Tem que deixar dessa besteira e aprender a fazer as coisas, varrer, lavar prato". E Dona Lúcia confirma, não é da boca para fora, Zé Carlos mudou bastante.

As histórias das famílias sertanejas se parecem. Não é diferente no Boqueirão. "Nós começamos a trabalhar mais os nossos pais com oito anos de idade". A agricultura era a fonte primeira de sobrevivência. A geração seguinte já não vive dela. Os filhos e as filhas de Lúcia e Zé não quiseram ser agricultoras/es. Mesmo com esse cenário, a agricultura familiar é resistente e responsável por garantir 70% dos alimentos que chegam à casa de todas a população. "Se nós não voltar a desmatar, queimar e a usar agrotóxicos, pode até ser que a gente mantenha esse número. (...) Seria muito bom se todos os agricultores mudassem a sua prática e a maneira de conviver com a mãe natureza, porque sem ela, nós não vivemos. (...) É dela que eu preciso, é dela que eu sobrevivo, é aqui onde eu tenho o apoio dos meus pés, e queria que todos fizessem assim", deseja Zé. De alguma forma o fato de ter tomado para si a missão de garantir a medição das chuvas na comunidade desde 2007, revela que Zé é um guardião não apenas das sementes, mas da natureza que o cerca. Tem esperança de que com o equilíbrio das matas da região, os olhos d'água das serras voltem a brotar. "Deus nos permita que dê outro inverno, e vá indo, e vá indo (bem). Quem sabe daqui mais uns 4 ou 5 anos, as nascentes d'água voltem novamente a ter água à vontade, água boa, água potável. Que você bebe à vontade e não sente uma dor na unha", ri a risada boa de quem está já de cara com um futuro cada vez mais agroecológico.



Desde 2007, Zé Carlos anota a quantidade diária e a calcula a média de chuvas por ano que caem na região. Importante registro para agricultores/as e poderes públicos.

O futuro será cada vez mais agroecológico



A aceitação ao chamado da agroecologia há mais de 10 anos transformou a vida de José Carlos Ferreira e Lúcia Lourenço.

A boa prosa se desenrola no alpendre da casa. O sol a pino colore de verde vivo as matas altas das serras que arroteiam a vista. De um lado a Meruoca, de outro o Rosário. Ali estamos na comunidade Boqueirão, área entre zonas de proteção ambiental, no território sobralense. Há uns 15 ou 20 anos não se via o verde que avistamos. A mata foi derrubada para dar lugar aos roçados. "Uma hora dessas era cheio de gente apanhando feijão, dobrando milho, quebrando mamona". Sem a mata nativa, uma chuva mais forte levava embora o que o povo plantava; a terra já não sustentava. As memórias são de Zé Carlos, agricultor ativo e comprometido com seu ofício. Dona Lúcia Lourenço, na cadeira de balanço ao lado de Zé, já ouviu o companheiro contar aquelas histórias centenas de vezes, além de ter vivido muitas delas.

A estrada que hoje corta a comunidade foi aberta pelo próprio Zé Carlos junto com Francisco Marinheiro, Vicente Mariano, Chagas Pedrosa e outros tantos que ele sai listando cada um por nome e sobrenome. Todos trabalhadores naquelas terras que pertenciam ao já falecido coronel Zé Inácio. Em tempos de emergência pelas secas prolongadas, os recursos chegavam para os proprietários, que encarregavam arrendatários e meeiros dos serviços braçais: além das estradas, construíam cacimbas, levantavam cercas, e o que fosse de necessidade do patrão. As eleições de 2018 que se aproximam fazem Zé Carlos se lembrar do voto de cabresto daquele antigo tempo. Compra de votos às vezes *amansada*. Como um café farto dado por Zé Inácio para apresentar aos agricultores seu candidato um dia antes das eleições. Hoje ainda há quem venda e seu Zé Carlos lamenta, entendendo que a comunidade sai prejudicada. *"Já é tempo de haver mudança nas pessoas"*.



A área de roçado reservada ao experimento da Embrapa com as sementes crioulas.

Por outro lado, muita coisa andou mudando nas últimas décadas. O tio de Zé, Zacarias Ferreira, era carpinteiro e contava de tempos em que chegava a fazer de 6 a 7 caixões de anjinhos. Eles passavam nessa estrada do Boqueirão para serem sepultados no cemitério São Francisco, na sede de Sobral. Seu Zé não viu porque veio nascer justo na seca de 1958. Lúcia dois anos antes. Escaparam os dois e puderam testemunhar e participar do acesso às políticas e direitos que transformaram a vida das comunidades rurais depois dos anos 2000. O Esplar – Centro de Pesquisa e

Assessoria, organização que compõe o Fórum Cearense pela Vida no Semiárido e a Articulação Semiárido Brasileiro, chegou ao Boqueirão em 2007 com ações de convivência e agroecologia. É o marco para o acesso às informações e práticas que foram aos poucos modificando os modos de vida de muitas famílias de agricultoras e agricultores na comunidade. *"Não queimamos mais, não usamos mais o agrotóxico"*. Só que foi difícil mudar os hábitos, acostumados com as práticas dos pais, das mães, das avós e dos avôs. Primeiro, a dificuldade de se convencerem de que havia outras formas e que com paciência comprovariam o quanto eram melhores. Segundo, a luta para enfrentarem os que não se convenciam e ainda desacreditavam o jeito agroecológico de produzir.

Já acostumados com o esquecimento do poder público, a chegada dos projetos para implementações gerou desconfiança. Tinha gente que achava que era promessa falsa. De alguns, Zé já ouviu que não iria dar ao governo parte de suas terras para construir a cisterna. Com os dois pés atrás, só acreditaram quando viram que a coisa era certa, direito sendo garantido. No entanto, muitas famílias continuam sem cisterna. No levantamento feito recentemente na comunidade, 38 famílias ainda não têm nem a cisterna de primeira água - para beber, nem a de segunda - para produzir. Agora, dois projetos estão levando assessoria e novas tecnologias para o Boqueirão: o Paulo Freire, do Governo do Ceará, executado pelo CETRA - Centro de Estudos do Trabalho e Assessoria ao Trabalhador; e o Programa Uma Terra e Duas Águas, da ASA, executado pela Cáritas Regional Ceará. Apesar disso, o número de implementações diminuiu muito e já não se investe mais recursos para dar continuidade ao trabalho das organizações da sociedade civil como antes. Os cortes vieram do governo federal, logo após o golpe político, e isso tem impactado fortemente a agricultura familiar e as ações de convivência com o Semiárido.



Zé Carlos mostra as sementes de milho doce e feijão de corda azul que planta desde 1978.

encontros da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS), agricultores e agricultoras recuperam tipos que já não encontravam mais em suas comunidades. *"Tu leva da minha semente e eu trago da tua semente. A gente planta e vê se dá certo"*, e é assim que acontece. Com essa experiência entre agricultores e agricultoras, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Outros perigos vêm do poder legislativo. Zé acompanha a discussão sobre o Projeto de Lei 6299/2002 que facilita ainda mais a autorização e comercialização dos venenos no Brasil e dificulta a fiscalização. Ele sabe bem os riscos que corremos e sugere o que podemos fazer: realizar manifestações, reivindicar nas rádios, ir a Brasília, informar a população com panfletos. Como coordenador da *Casa de Sementes da Paixão Flor de Algodão*, o agricultor se soma a mais 60 sócias e sócios da comunidade na forma mais efetiva de enfrentamento aos agrotóxicos: a preservação da biodiversidade através das sementes crioulas. *"A gente tinha perdido nossas sementes crioulas. Com esse resgate das Casas de Sementes, você tem vários tipos. Tem grão pra se alimentar e semente pra gente plantar"*. A diversidade é grande. Só de feijão tem Coruja, Branquinho, de Moita, Barrigudo, Santo Antônio, Quebra-Galho, Vermelho, Chico Heleno e o preferido de Zé, o Boi Deitado. *"Esse é bom de comer que é uma beleza!"*, diz. Nos



Dona Lúcia no preparo do feijão colhido poucas horas antes desse registro fotográfico. Muitos afazeres domésticos ainda tomam conta de sua rotina. Esse ano decidiu que não ia capinar. A agroecologia tem ensinado Lúcia a dizer não, ao Zé que é preciso dividir as responsabilidades, e aos dois que é possível e necessário construir relações mais igualitárias entre homens e mulheres.